



## O TRABALHO DOS CATADORES DA ASSOCIAÇÃO ENGENHO DO LIXO: ENTRE A NECESSIDADE ECONÔMICA E O DISCURSO DA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

The Work of Collectors from Associação Engenho do  
Lixo: Between Necessity and Economic Discourse of  
Environmental Awareness

El trabajo de los Pепенadores de la Asociación  
Engenho do Lixo: Entre la Necesidad Económica y el  
Discurso de la Consciencia Ambiental

Augusto de Oliveira Tavares (IFSertão-PE)\*

\*Graduado em Ciência Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Gestão Social do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Sociologia pela UFC. Professor do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertão-PE).

Endereço: Rua: General Raimundo Teles, 14, Granjeiro, 63.109-070, Crato/CE

Email: aotavares@hotmail.com

### Resumo

O texto analisa a maneira singular como os discursos de “consciência ambiental” repercutem no cotidiano de trabalho de um grupo de catadores de material reciclável e suas implicações ideó-políticas, num contexto de alta vulnerabilidade social. Como a reciclagem é capaz de diminuir o volume de resíduos no meio-ambiente, passa a ser facilmente vinculada à noção de consciência ambiental e melhoria da qualidade de vida. No entanto, as condições de vida e de trabalho de quem atua no início desse processo, os catadores, contradizem essa ideia. Esta pesquisa investigou o contexto em que se forma essa representação, interpretando as motivações que garantem a vitalidade deste discurso e estabelecendo um contraponto com a

dinâmica do trabalho de um grupo de catadores. Analisou-se, sobretudo, o significado que os catadores atribuem aos seus trabalhos e às questões ambientais. Para tal, além de pesquisa bibliográfica, utilizaram-se o método etnográfico inspirado em Clifford Gertz, combinado com observação participante e entrevistas. Articulando os conceitos de consciência e autonomia a partir de Paulo Freire e lançando um olhar crítico para a dicotomia inclusão-exclusão social, constatamos que a reciclagem, comumente vista como fator de disseminação de uma consciência ambiental (separar o lixo, reaproveitar), decorre mais de uma necessidade econômica do que de uma perspectiva de sustentabilidade. Nesse sentido, demonstrou-se que a situação de vulnerabilidade na qual se encontram os catadores é mais uma característica estruturante do sistema vigente do

que uma “falha”, e que o discurso da “reciclagem” e da “consciência ambiental”, no contexto investigado, acabam por justificar ou legitimar práticas que deveriam ser combatidas.

### Palavras-chave

Catadores. Consciência Ambiental. Autonomia.

### Abstract

The text examines the unique way how “environmental awareness” discourses reverberate in the daily work of a group of collectors of recyclable material as well as the ideological and political implications of these discourses in a context of high social vulnerability. How recycling can reduce the volume of waste in the environment becomes easily linked to the notion of environmental awareness and improving the quality of life. However, the conditions of life and labor of those who work at the beginning of this process, the collectors, contradict this idea. This research investigated the context in which form this representation, interpreting the motivations that ensure the vitality of this discourse and establishing a dynamic counterpoint to the work of a group of collectors. We mainly analyzed what meaning they attribute to their work and environmental issues. To this end, in addition to literature, we used the ethnographic method inspired by Clifford Gertz combined with participant observation and interviews. Articulating the concepts of consciousness and autonomy based on Paulo Freire and casting a critical eye to the dichotomy of inclusion-exclusion, we noticed that recycling, commonly seen as a factor in spreading environmental awareness (separate garbage, reuse), derives more an economic necessity than from a sustainability perspective. With that sense, it was demonstrated that the vulnerable situation in which it is the collectors is more a structural feature of the current system than a

“failure” and that the discourse of “recycling” and “environmentally conscious” in the context investigated ultimately justify or legitimize practices that they’re supposed to fight.

### Keywords

Collectors. Environmental Awareness. Autonomy.

### Resumen

El texto analiza de manera singular como los discursos de “consciencia ambiental” repercuten en el cotidiano del trabajo de un grupo de pepenadores de material reciclable y sus implicaciones ideológico-políticas en un contexto de alta vulnerabilidad social. Como el reciclaje es capaz de disminuir el volumen de residuos en el medio ambiente, se vuelve fácilmente vinculado a la noción de consciencia ambiental y a la mejoría de la calidad de vida. Sin embargo, las condiciones de vida y de trabajo de quién actúa en el inicio de ese proceso, los pepenadores, contradice esa idea. Esa investigación analizó el contexto en que se forma esa representación, interpretando las motivaciones que garantizan la vitalidad de este discurso y estableciendo un contrapunto con la dinámica de trabajo de un grupo de pepenadores. Se analizó, sobre todo, el significado que los pepenadores atribuyen a sus trabajos y a las cuestiones ambientales. Para ello, además de la investigación bibliográfica, se utilizó el método etnográfico inspirado en Clifford Gertz articulado con la observación participante y entrevistas. Articulado los conceptos de consciencia y autonomía desde Paulo Freire y lanzando una mirada crítica sobre la dicotomía inclusión-exclusión social, constatamos que el reciclaje, comunmente observado como factor de disseminación de una consciencia ambiental (separar la basura, reutilizarla), es resultado mucho más de una necesidad económica que de una perspectiva de sustentabilidad. En ese sentido, se demuestra que la situación de vulnerabilidad en

la cual se encuentran los pepenadores es más una característica estructurante del sistema vigente que una “falla” y que el discurso del “reciclaje” y de la “consciencia ambiental”, en el contexto investigado, justifican o legitiman prácticas que deberían combater.

### Palabras-clave

Pepenadores, Consciencia Ambiental, Autonomía.

## 1. Introdução

De acordo com a Lei 12.305/2010 (BRASIL, 2010), que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, o ano de 2014 é o prazo limite para findar os lixões em todo o Brasil. Esse desafio é maior nos estados do Nordeste que concentra o maior número de lixões do país, perfazendo um total de 1.598, dos quais 300 encontram-se no Ceará.<sup>1</sup> A necessidade de extinguir os lixões impõe que os municípios desenvolvam políticas públicas voltadas para a coleta seletiva e a promoção da consciência ambiental. Paralelo a esses desafios, a Lei indica que os catadores estejam organizados em associações ou cooperativas e não mais nos lixões ou aleatoriamente nas ruas. Portanto, as políticas públicas de coleta seletiva e reciclagem devem incluir, necessariamente, o trabalho dos catadores.

Na Região Metropolitana do Cariri cearense e, mais particularmente, no município de Juazeiro do Norte, o problema do lixo ganha contornos específicos. Aquém do vertiginoso crescimento econômico<sup>2</sup>, a cidade não dispõe de aterro sanitário<sup>3</sup> e não há políticas públicas de promoção de uma coleta seletiva sistematizada. As estatísticas dos resíduos coletados e depositados no lixão são imprecisas, assim como os números da reciclagem e do trabalho dos catadores.

Existem, em Juazeiro do Norte, duas associações de catadores: a Associação Engenho

do Lixo, localizada na área mais central da cidade, e a Associação de Catadores e Catadoras de Juazeiro-ACCJ, que atua em torno do bairro Aeroporto. Nesta pesquisa, acompanhamos um grupo que variou entre 15 a 20 catadores mais diretamente ligados à Associação Engenho do Lixo, em torno da tentativa de mobilização e articulação para a criação de uma cooperativa. A opção pela Associação deve-se ao destaque que a mesma tem ganhado na região, nos últimos anos, em função das ações que realiza de “consciência ambiental”.<sup>4</sup>

Como o trabalho de catação contribui para diminuir o volume de resíduos sólidos no meio-ambiente, é comum associar de forma direta o trabalho dos catadores à noção de consciência ambiental, afinal estariam dando a destinação “ambientalmente correta” àquilo que a sociedade descarta. No entanto, na prática, podemos observar que o trabalho de coleta tem mais características de uma luta diária pela sobrevivência, sendo motivada fortemente pelo retorno econômico que a atividade pode gerar.

Tomando como critério a forma como os catadores se referem a si próprios, a reflexão que fazem sobre a importância de seu trabalho, o motivo pelo qual declaram coletar e o tipo de material que coletam, conseguimos estabelecer um parâmetro para avaliar a relação entre o seu trabalho e o discurso de consciência ambiental explícito e implícito nas suas falas, no contexto no qual ele é produzido.

A relevância da pesquisa vai além da projeção que o assunto tem ganhado nos últimos anos e se apoia na necessidade de as políticas relacionadas à gestão dos resíduos sólidos assumirem a valorização do trabalho dos catadores sem deixar de questionar o contexto no qual estão inseridos. Portanto, a questão é bem mais ampla do que formar associações ou cooperativas. É necessário refletir sobre os processos que produzem a estigmatização do catador, o que, em última instância, nos remete à crítica ao modelo de desenvolvimento econômico vigente e ao próprio sistema de

valores hegemônicos na sociedade. Nesse sentido, este trabalho pretendeu dar visibilidade às contradições que cercam os discursos da “reciclagem” e da “consciência ambiental” e oferecer subsídios para o seu confronto, lançando um olhar mais direcionado ao trabalho do catador, a fim de aprimorar o entendimento dos aspectos políticos, econômicos, culturais e subjetivos da atividade que realizam.

## 2. Delineamento metodológico

A preocupação central desta pesquisa foi a construção de um olhar para o cotidiano do trabalho dos catadores de material reciclável em Juazeiro do Norte, mais especificamente dos que fazem parte da Associação Engenho do Lixo, a fim de compreender a relação entre o trabalho que realizam e o discurso da consciência ambiental, bem como configurar o lugar social de origem desses agentes sociais.

Ao delimitar tal objeto de estudo, partimos do pressuposto de que o “real é relacional” (BOURDIEU, 1989, p. 28). Nesse sentido, para que se compreenda um determinado aspecto da realidade, é preciso situá-lo em um contexto, conferindo determinadas características aos agentes sociais que dele fazem parte. Dessa forma, o que o pesquisador tem diante de si são teias de relações estruturadas, às quais os agentes sociais atribuem significados.

Entendendo que a pesquisa social se concretiza como uma interpretação desses significados dentro de uma rede de relações, lançamos mão de uma abordagem etnográfica que se justifica pela própria natureza da investigação, uma vez que lidamos com processos socioculturais de um grupo. Sentimos a necessidade de valorizar o significado que os catadores atribuem à atividade que exercem e o que pensam sobre a reciclagem, tendo em vista o argumento da “consciência ambiental” que repercute na sociedade.

Inspirados em Clifford Geertz (1989 p.

13-41), nos apoiamos na ideia de cultura como “teia de significados” que são, continuamente, construídos pelos próprios sujeitos e só podem ser interpretados a partir do “universo simbólico” que o constitui e dá sentido. Assim, a abordagem etnografia é adequada ao propósito de interpretar os significados a partir das “teias” de relações que compõem o universo dos catadores.

Enquanto procedimento, a pesquisa englobou dois momentos. O primeiro foi resultado de, aproximadamente, um ano de contato com um grupo de catadores ligados à Associação Engenho do Lixo, fruto do trabalho desenvolvido por este autor como técnico da Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares Solidários – ITEPS (UFC-Cariri)<sup>5</sup>, durante o qual se realizou uma observação etnográfica. Em um segundo momento, foram feitas entrevistas semiestruturadas com oito catadores ligados à Associação.

Recorremos, ainda, a fontes bibliográficas e documentais, buscando nos arquivos da própria Associação elementos que nos ajudaram a interpretar o “comportamento institucional”. No entanto, a principal fonte de informações foram os diários de campo produzidos durante a observação etnográfica, nos quais se registraram as percepções, experiências, detalhes do contexto, detalhes das falas, encaminhamentos etc.; ou seja, uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989. p. 3-21) de tudo que se viveu, ouviu, sentiu e interrogou. A nossa postura metodológica foi orientada pelo entendimento de que o papel do pesquisador é tecer uma interpretação possível entre tantas outras interpretações. De acordo com o Geertz (1989), o pesquisador lida com

uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender depois apresentar. (...) Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”)

um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não como os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 1989. p. 20)

Entendemos, assim como o autor, que a cultura é um “contexto” e que sua interpretação decorre de uma descrição inteligível dos comportamentos, acontecimentos sociais, instituições, processos, promovendo um “alargamento do universo do discurso humano” (GEERTZ, 1989, p. 24) Nesse sentido, valorizamos mais o conteúdo e significado das falas dos sujeitos do que a cronologia de fatos.

O áudio das reuniões, assim como as entrevistas foram gravadas com a autorização expressa dos sujeitos e, posteriormente, transcritas a partir de uma categorização que visava a identificar: a) percepção de si mesmo como catador; b) identificação com o grupo; c) tipo de relação com a Associação; e d) discurso ambiental.

Nas entrevistas, não se utilizou um roteiro rígido, permitindo que, ao longo do diálogo, o pesquisador modificasse a ordem dos tópicos, acrescentasse ou incluisse questões a fim de valorizar a fala do entrevistado. Os mesmos foram identificados apenas pela idade, sexo e tempo com que trabalham na coleta de material reciclável. A transcrição incluiu o jeito de dizer, as pausas, entonações e omissões da fala dos sujeitos.

A seleção dos entrevistados não seguiu critério amostral ou probabilístico, uma vez que, sendo uma pesquisa social de caráter qualitativo, o que nos interessou foram as “representações, conhecimentos, práticas, comportamento e atitudes” dos sujeitos da pesquisa, como destaca Deslandes (2008. p. 48) Decidimos, de acordo com essa autora,

definir o número de sujeitos por inclusão progressiva (sem demarcar *a priori* o número de participantes)

que é interrompida pelo critério da saturação, ou seja, quando as concepções, explicações e sentidos atribuídos pelos sujeitos começam a ter uma regularidade de apresentação. (DESLANDES, 2008. p. 48).

Vale ressaltar que o presidente da Associação, que muito contribuiu com seus depoimentos para esta pesquisa, não consta entre os oito entrevistados, uma vez que ele se define como ex-catador e, de fato, já não coleta nas ruas, exercendo atividades mais administrativas e gerenciais da Associação.

Na análise dos dados, buscamos uma abordagem dialética que, segundo Minayo (2008, p. 24) “se propõe a abarcar o sistema de relações que constrói o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais que traduzem o mundo dos significados”. Para interpretar a dinâmica das relações entre o trabalho do catador e o discurso da “consciência ambiental”, sem excluir o sujeito nem perder a noção da totalidade, adotamos uma abordagem que, como afirma a autora,

considera que o fenômeno ou processo social tem que ser entendido nas suas determinações e transformações dadas pelos sujeitos. Compreende-se uma relação intrínseca de oposição e complementaridade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e a base material. Advoga também com a necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou ‘objetos sociais’ apresentam. (MINAYO, 2008, p. 25)

Assim, procuramos dar conta da complexidade das relações que envolvem o trabalho do catador no contexto em que se encontra em Juazeiro do Norte, face ao debate atual sobre reciclagem e consciência ambiental.

### 3. Marco referencial teórico

#### 3.1. A construção do “sujeito ecológico” e o discurso da reciclagem

Desde o início da década de 1990, tomando como marco a ECO 92<sup>6</sup>, o ideário ecológico passou a ser parte importante dos processos de constituição da identidade, como afirma a pesquisadora Isabel Carvalho (2007):

O sujeito ecológico alude simultaneamente a um perfil identitário e a uma utopia societária. Como podemos observar nas últimas décadas no Brasil, particularmente após 1992, este ideal ecológico, na medida em que se expande e conquista legitimidade, se oferece ao conjunto da sociedade como modelo ético generalizável para situar-se no mundo. (CARVALHO, 2007, p. 3).

Inicialmente restrito ao campo da militância dos ambientalistas ligado a ONG's ou universidades, o discurso do “ecologicamente correto” adentrou a esfera governamental e empresarial, passando a ser um argumento atual e legítimo para validar determinados gastos públicos, atrair votos e, no caso das empresas particulares, vender mais mercadorias, desde que apresentadas como “sustentáveis” ou “ecologicamente corretas”.

No entanto, a problemática da questão ambiental não sugere soluções fáceis, isoladas, subjetivistas e nem em curto prazo. Seu enfrentamento é fruto de ações políticas e exige uma profunda mudança de hábitos e mentalidades que repercutam em transformações estruturais concretas, ou seja, que mobilizem a sociedade e atinjam os setores políticos, jurídicos e econômicos. Discutir a reciclagem com foco na consciência ambiental implica em problematizar a produção de resíduos sólidos que, por sua vez, impõe a necessidade de repensar o próprio consumo. Segundo Layrargues (2002), hoje em dia

observa-se uma excessiva predominância da discussão a respeito

dos aspectos técnicos, psicológicos e comportamentais da gestão do lixo, em detrimento de seus aspectos políticos. A discussão conduzida pela educação ambiental está consideravelmente deslocada do eixo da formação da cidadania enquanto atuação coletiva na esfera pública, já que há um expressivo silêncio no que se refere à implementação de alternativas para o tratamento do lixo por intermédio da regulação estatal ou dos mecanismos de mercado. (LAYRARGUES, 2002, p. 2)

O autor também se refere à ausência de políticas públicas sistemáticas e específicas para lidar com a questão do lixo e menciona o trabalho dos catadores:

Além disso, a questão do lixo, nas suas variadas facetas, ainda não se tornou objeto de demanda social específica pela criação de políticas públicas, a exemplo das lutas socioambientais já consolidadas em alguns movimentos sociais. As dispersas e isoladas iniciativas de criação de cooperativas de catadores de lixo, por exemplo, ainda não alcançaram uma articulação ampla e coesa o suficiente para transformar essa atividade em política pública. (LAYRARGUES, 2002, p. 2)

Vale ressaltar que o texto de Layrargues foi publicado em 2002, ou seja, antes da promulgação da Lei nº 12.305/10, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) e inclui, entre outros aspectos, a extinção dos lixões, a coleta seletiva, programas de educação ambiental e a necessidade de criação de cooperativas de catadores. No entanto, do ponto de vista das ações efetivas, pouco se avançou durante essa última década<sup>7</sup>, o que torna a citação atual e ainda desafiadora.

Segundo os estudos de Layrargues (2002), e Carvalho (1991, 2007), tornou-se hegemônico o discurso ecológico oficial, segundo o qual a questão do lixo é mais de ordem técnica do que

cultural. Entende-se que é possível promover o consumo sustentável pela combinação da reciclagem com tecnologias não poluentes. Essa postura critica o consumo insustentável e defende o consumo sustentável, mas não coloca em cheque a lógica do consumo. A reciclagem é vista como aspecto mais importante desde que inserida dentro da lógica do mercado, pois não contraria o consumo, pelo contrário, este poderá até ser ampliado sem culpa se os seus resíduos gerados forem “reciclados”. A esse respeito é ilustrativa a reflexão de Layrargues (2002):

o equacionamento da problemática dos resíduos sólidos tem sido enfocado apenas na reciclagem, a qual tem a capacidade de produzir um efeito ilusório, tranquilizante na consciência dos indivíduos, que podem passar a consumir mais produtos, sobretudo descartáveis, sem constrangimento algum, pois agora são recicláveis e, portanto, ecológicos. (LAYRARGUES, 2002, p. 6)

Assim, remeter o trabalho de quem lida com a reciclagem a uma consciência ambiental, pode ser um equívoco. Os sistemas econômicos fundados na visão de desenvolvimento tradicional criaram e reproduzem lógicas abstratas que favorecem o consumo, o descarte e o desperdício. Sem romper com essa ideologia, as práticas propaladas como “alternativas”, divulgadas pelos meios de comunicação, associações ou cooperativas, iniciativas empresariais, ONG’s, governos ou universidades, não conseguem se contrapor aos moldes e necessidades do modelo econômico vigente.

### 3.2. A dialética da inclusão-exclusão social

O uso da expressão “exclusão social” tornou-se comum na universidade, como também no jargão político e na militância social para se referir, geralmente, à situação de grupos ou indivíduos que não têm acesso aos bens materiais

ou simbólicos produzidos pela sociedade, sendo vítimas de estigmatização, preconceito, isolamento ou pauperização.

Embora sob esse rótulo estejam “uma série de manifestações que aparecem como fraturas e rupturas do vínculo social” (WANDERLEY, 2001. p.17), a ênfase do discurso sobre exclusão/inclusão social, normalmente, recai sobre o aspecto econômico.

A existência de diferentes significados e usos retóricos do termo indicam uma imprecisão conceitual que necessita ser revisitada, tanto do ponto de vista teórico quanto das práticas que ensejam. Não se trata de negar o conceito, mas de reconhecê-lo como fenômeno histórico-dialético que só pode ser compreendido como um processo contraditório. É nesse sentido que podemos afirmar que “[a] sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão” (SAWAIA, 2001. p. 8)

Portanto, no caso dos catadores, nos parece mais adequado falar em “inclusão dependente”, para evidenciar que as condições econômicas, sociais, culturais e subjetivas na qual estão inseridos são resultados de um modelo de desenvolvimento econômico e não uma falha do mesmo. Ou seja, a informalidade, a precarização das relações de trabalho, os baixos rendimentos são fatores que contribuem para a lucratividade dos atravessadores, donos dos depósitos, usinas de beneficiamento e fábricas que trabalham com reciclagem. No mesmo sentido, as Leis, políticas públicas, ações governamentais ou não-governamentais e campanhas midiáticas, ao legitimarem a reciclagem como “direito” ou prática social, sem, no entanto, atentar para as condições de dignidade e autonomia dos catadores, os coloca não em uma situação de exclusão, mas sim de uma “inclusão perversa”<sup>8</sup>.

Nesse sentido, corroboramos com o pensamento de Sawaia (2001), segundo o qual

a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas,

relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é um processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema. (SAWAIA, 2001, p. 9)

Portanto, recusamos a imagem do catador como alguém que está “excluído” da sociedade, precisando nela ser “incluído” e, nessa nova condição, estariam resolvidos os seus problemas. Algo diferente é entender que sua situação é fruto das características de uma sociedade que tem como princípio a desigualdade social. Dessa forma, a vulnerabilidade social dos catadores não compromete a lógica e a dinâmica do modelo de crescimento econômico vigente na região.

### 3.3. A consciência ambiental como autonomia

É ponto pacífico nos discursos sobre meio ambiente a importância conferida à “consciência ambiental”, mas tem sido complexo definir o que efetivamente significa o termo, ou ainda, o que é de fato “consciência”. Não nos interessa aqui entrar na imbricada discussão do conceito a partir das definições que possam vir a dar os dicionários e as reflexões no campo da sociologia, filosofia ou psicologia. A ideia de consciência que mais se aproxima com a proposta que defendemos articula-se com a perspectiva da autonomia em Paulo Freire (1996). Consciente, para nós, é o sujeito autônomo. Autonomia corresponde à capacidade de tomar decisões, de ser responsável pelos seus atos, de ter dignidade, de saber-se no mundo de maneira crítica. Portanto, não é algo que se recebe de alguém, é antes de tudo, um processo que se vivencia através de uma *práxis* libertadora.

Para além dos discursos fáceis e dos chavões midiáticos e até das versões simplificadas presentes nas cartilhas ou textos acadêmicos, defendemos a consciência ambiental como resultado de um processo constante de construção da autonomia, sempre atento às condições objetivas e subjetivas da condição humana. Nesse sentido, não haveria propósito em falar isoladamente de uma “consciência ambiental”, ao passo que eu não posso afirmar que alguém é consciente ambientalmente e inconsciente político. Consciência é sempre a consciência de si mesmo, do outro e do mundo.

Para Freire (1996), a autonomia está intrinsecamente ligada à ideia do ser humano de “Ser Mais”, ou seja, de uma busca constante e consciente de vivenciar o mundo, lutando por uma liberdade que o liberte do individualismo. Nesse sentido, ser consciente é igual a ser autônomo e implica na necessidade de estar atento e agir contra as práticas desumanizadoras que afetam a todos, bem como as condições para que essa prática se efetive.

Ainda apoiados em Freire (1996), postulamos que a capacidade de reflexão que permite fazer a leitura crítica da realidade é inerente a todo ser humano, não dependendo do grau de instrução formal, como fica claro nas palavras do autor:

Não há para mim, na diferença e na distância entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente ‘rigorizando-se’ na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão. Na verdade, a curiosidade ingênua que,

‘desarmada’, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica. Muda de qualidade, mas não de essência. (FREIRE, 1996, p. 34).

Os catadores de materiais recicláveis, invariavelmente, têm um baixo índice de instrução formal, muitos são analfabetos ou semialfabetizados. Esse fator é, muitas vezes, relacionado como explicação para a dificuldade ou até mesmo impossibilidade do desenvolvimento de uma suposta “consciência ambiental”. Argumento facilmente debelado se levarmos em consideração a massa da população considerada instruída, inclusive com larga inserção no sistema de ensino formal, que é incapaz de reconhecer as implicações políticas de suas ações cotidianas.

Para nós, inspirados em Paulo Freire (1996), o processo de conscientização (ambiental, política, social...) é dialético e contínuo e se vivencia na *práxis* da humanização. Consiste na capacidade de fazer as “leituras de mundo” a partir do “seu mundo” de forma crítica. Para tal, é indispensável uma prática educativa transformadora que deve ser disseminada nas mais diversas ações dos órgãos públicos, privados ou do terceiro setor, desde que tenham como princípio ético a autonomia dos sujeitos.

A ideia de autonomia e consciência de Paulo Freire (1996) nos permite compreender que o desenvolvimento de uma “consciência ambiental” depende de um espírito de compromisso consigo mesmo, com o grupo e com a comunidade; o reconhecimento do espaço público e um autorreconhecimento da importância da sua participação, como sujeito histórico, na construção de sua própria trajetória de vida. Algo que costuma ser refutado como idealista, mas que, para Freire e para nós, é o que resguarda a esperança de uma transformação social.

#### **4. A relação entre o trabalho do catador da Associação Engenho do Lixo e o discurso da “reciclagem” e “consciência ambiental”**

##### **4.1. Caracterização e funcionamento da Associação de Catadores Engenho do Lixo**

A Associação Engenho do Lixo foi fundada em agosto de 2009 por um grupo de 20 catadores. Atualmente, a sua sede situa-se em um galpão alugado na Rua Pedro Cruz Sampaio, no bairro Juvêncio Santana, em Juazeiro do Norte.<sup>9</sup> Em conversa informal com o seu idealizador e atual presidente, foi-nos declarado que, apesar de só ter sido formalizada em 2009, o sonho de organizar uma associação já vinha desde 1999 com o trabalho realizado por ele e um grupo de quatro ou cinco catadores. Hoje, ele já não cata; divide-se entre administrar a Associação e manter a produção de mudas, atividade que realiza junto a Secretaria de Meio Ambiente e Serviços Públicos – SEMASP, através de um cargo comissionado na Prefeitura de Juazeiro do Norte. Além disso, costuma ser solicitado para proferir palestras em escolas e faculdades locais.

A Associação Engenho do Lixo tem ganhado projeção no cenário local. É sempre lembrada nos meios de comunicação pelo trabalho de coleta seletiva e consciência ambiental.<sup>10</sup> Entre as ações que lhe têm dado destaque, podemos citar a troca de material reciclável por mudas de árvores, além das palestras, visita de estudantes que vão conhecer o trabalho da Associação e a comemoração do Dia do Meio-Ambiente.

De fato, em sua sede, pode-se observar a presença de materiais que, normalmente, os depósitos de reciclagem não coletam<sup>11</sup> por não haver viabilidade econômica, como lâmpadas fluorescentes, pilhas, baterias de celular, tubos de imagem, embalagens Tetra Pak etc. A Associação, ainda, promove a limpeza das margens do Rio Salgado, uma vez por mês, e a troca de materiais recicláveis por mudas de árvores. Em torno dessas ações, divulga-se o trabalho de “consciência ambiental” desenvolvido pela Associação, o que tem conferido ao seu presidente alguns prêmios

e viagens para participar de eventos em outros estados.

Entretanto, a Associação não funciona conforme a estrutura organizativa formal, ou seja, não há contribuição mensal dos sócios, as funções da Diretoria e Conselho fiscal não estão definidos, assim como não há reuniões sistemáticas entre seus membros, eleições, nem Assembleias Gerais. A presidência é a única função de destaque e a sua atuação é de caráter personalista e assistencial.

Perguntados sobre a diferença entre vender o material para outros depósitos e para a Associação, obtivemos dois tipo de respostas dos catadores: dois afirmaram não ter diferença alguma, pois vendiam como em qualquer outro lugar, e os outros seis declararam receber alguns benefícios como “vales” (adiantamentos), almoço ou merenda, além de participar das festividades, como no depoimento abaixo:

Aqui, pelo menos a gente tem água, lanche e almoço, além das festinhas que ele faz pra gente de vez em quando e chama a gente (...) quando é assim... dia das mães, dia das crianças ou negócio do... como é...? do dia do meio-ambiente ou também quando vem gente de fora assim como vocês, aí tem... acontece coisas aqui que não tem nos outros depósito. (informação verbal)<sup>12</sup>

Percebemos que não há um sentimento de pertencimento à Associação por parte dos catadores. Para muitos, é apenas o local onde vendem os seus materiais e de onde recebem alguns benefícios. Ilustrativo desse tipo de relação é o depoimento de uma catadora ao se referir ao Presidente da Associação “ele é como se fosse o patrão da gente, mas ele trata a gente como família.” (informação verbal)<sup>13</sup>.

Essa representação do presidente da Associação como “patrão” esteve, também, presente nos depoimentos de outros entrevistados, seja de forma direta, como no trecho citado, ou de forma indireta quando mencionavam o ato de “fazer o pagamento”

ou “pedir adiantamentos em forma de vale”. A possibilidade de retirar “vales” para suprir necessidades imediatas parece ser uma prática valorizada entre os catadores e utilizada pelo Presidente como forma de vincular o catador. Em algumas reuniões que acompanhamos, o Presidente insistia que “não é correto o catador pegar vale aqui e depois desaparecer ou ir vender em outro lugar. Tem muitos que têm vale aqui e cadê que veio hoje? Não vem não... mas o vale ele quer” (informação verbal)<sup>14</sup>.

#### 4.2. A questão da consciência ambiental a partir da fala dos entrevistados

As entrevistas foram realizadas durante os meses de junho, julho e agosto de 2012. Foram transcritos, apenas, os trechos mais representativos dos aspectos relacionados: a) à autopercepção do catador; b) à importância que atribui ao seu trabalho; c) ao motivo que o levou a catar; d) à forma como lida com os seus próprios resíduos e d) à preocupação com o meio-ambiente.

Com relação à maneira como eles se percebem dentro do contexto do trabalho que realizam, dos oito entrevistados, cinco declararam não pensar mais em fazer outra coisa, expressando o desejo que a profissão seja mais reconhecida e tenha melhores condições de trabalho; dois disseram que não gostam de trabalhar como catador, que o trabalho é duro e o ganho é pouco, mas que também não veem outra opção; e uma afirmou que está o tempo todo procurando outra coisa, mas enquanto não aparece, continua catando. A esse respeito, foram representativas as falas de duas catadoras que se posicionaram de formas distintas:

Eu devo tudo ao lixo... depois que o meu marido morreu se não fosse isso aqui eu tava era lascada porque ele não me deixou nada, então dá para pagar o aluguel do quartinho que vivo com os meus meninos (...) graças a deus tão

tudo estudando e dá pra comer. Num dá pra muita coisa não, mas tem a bolsa também que recebo e já ajuda né. Juntando tudo dá pra viver, com a graça de deus e se deus quiser vai melhorar mais ainda o negócio aqui pra gente. (Informação verbal)<sup>15</sup>

E no polo oposto,

Aff! É muito ruim o... esse serviço... a gente veve suja é omilhada por aí, o povo olha pra gente assim...pensa que a gente é lixo também. O ganho num dá pra quase nada, só fica mesmo porque é o jeito, num tem outra coisa, a gente num sabe ler... E se for pra trabalhar im casa de família eu até vou... mas é muito pobrema, muita exigência e também querem explorar. Olha, eu já tentei vender roupa, aquele negócio de revista, mas num deu certo, deu não... porque pra nois é tudo mais difícel.... Tô procurando aí... assim que aparecer um negócio melhor (...) Mas no lixo eu num me sinto bem não. Muitas vezes eu penso em num vim mais. Os homi consegue tirar mais, mas eu que sou mulher, num dá não. Tô é devendo ainda. Mas se deus quiser eu ainda vou sair daqui. (Informação verbal)<sup>16</sup>

Sobre como valoram o trabalho que realizam, todos reconheceram que é importante. Seis destacaram, principalmente, a contribuição de retirar o lixo das ruas e fazer a reciclagem e dois mencionaram a importância quanto a estar trabalhando em vez de estar desempregado. Abaixo, registramos alguns depoimentos representativos dessas dimensões.

O nosso trabalho tira né, o lixo das ruas né, e num vai mais pro lixão não, vai pra fazer outras coisas, vai pra reciclagem. É importante sim, é importante. É porque, eu acho assim... se todo mundo ajudasse já separando né, em cada né, a gente não pegava tão misturado. Mas quase ninguém reconhece... Com o

nosso trabalho, acho que fica menos lixo né, fica melhor. (Informação verbal)<sup>17</sup>

Importância mesmo é que a gente num fica sem trabalhar... qualquer coisa a gente ta aqui né... é só sair catando e vender e quanto mais você catar mais dinheiro tem. Ficar sem trabalho é que ruim, catar num acho ruim não, é trabalho como outro qualquer. (Informação verbal)<sup>18</sup>

Quanto ao motivo que os levou a catar, as respostas foram variadas e extensas porque passaram a relatar as circunstâncias e dramas pessoais. Em todos os depoimentos, a necessidade econômica estava presente. Expressões como “é porque a gente precisa”; “pra sobreviver”; “porque não tinha outra coisa”; “foi o jeito” foram comuns nas entrevistas. Desemprego, baixa escolaridade, falta de profissionalização e dramas pessoais como morte, doença e vício foram os motivos mais relatados.

Perguntados sobre se separam o lixo na sua casa, no geral, eles responderam que sim, mas sempre relacionado ao valor econômico do material ou à possibilidade de um reaproveitamento pessoal. Em alguns depoimentos, podemos perceber que o valor de reaproveitar surgiu a partir do trabalho como catador, condicionado à necessidade, como indica o depoimento abaixo:

Eu mesmo, na minha casa a gente separa o que é lixo mesmo e o que não é. Ora, se eu mesmo coleteo, como é que eu num vou separar? Mas é muito pouco. Eu mesmo passo dia fora. Em casa, eu junto para depois vender, eu já trago é da rua e quando tem um monte eu levo pra vender. (...) Antes de ser catadora, eu num separava não, jogava tudo junto mesmo e botava na rua, também eu num trabalha com isso. (Informação verbal)<sup>19</sup>

Pudemos concluir, a partir dos depoimentos, que a quantidade de lixo produzido pelo catador é proporcional à sua capacidade

de consumo que tende a ser muito baixa. Percebemos que, no geral, eles não dão muita importância ao lixo produzido por eles mesmos. Vale lembrar que, de acordo com a metodologia definida para esta pesquisa, tivemos acesso apenas aos depoimentos coletados por meio das entrevistas, não tendo sido feita observação direta sobre como o catador lida com o seu próprio lixo no seu local de moradia.

As catadoras entrevistadas denotaram uma postura de melhor organização e asseio em relação à separação do material reciclável do que os homens. A esse respeito vale notar o que afirmou uma das entrevistadas: “Separo sim senhor, separo e lavo se tiver muito sujo, porque num pode juntar tudo sujo, senão junta bicho, rato, barata. A gente perde mais tempo, e quando vai vender eles nem fazem diferença, se tá limpo se não tá, mas eu continuo, porque é de mim”. (Informação verbal)<sup>20</sup>

Três catadores não compreenderam que a pergunta dizia respeito à forma como separam o lixo produzido por eles, em suas casas. Em suas respostas, fizeram menção ao fato de guardarem o material reciclável em casa ou de separar o que dá para reutilizar, como no depoimento a seguir:

Rapaz, é uma coisa... aquilo que vale a pena a gente separa. Tem coisa boa que a gente acha e ainda dá pra usar. (...) Assim uma bolsa dessas de escola que tava só suja, coisa que dá para consertar, uma cadeira, outra vez foi uma cadeira. Outro dia achei um chinelo que to usando até agora e já teve até uma boneca que dei pra mim filha. Mas é assim... a gente num pode comprar e quando acha alguma coisa mais diferente a gente fica. Antes, e ainda tem hoje, tem gente que faz é comer do lixo. Assim, quer dizer, a gente diz que come do lixo, mas é porque a gente ajunta, vende e com o dinheiro compra comida, é assim. (Informação verbal)<sup>21</sup>

No geral, as respostas indicam que, assim como nas ruas, em casa, os catadores só

separam o material que interessa para a venda. O papelão, por exemplo, atualmente, é item pouco valorizado no mercado da reciclagem e, para o catador, a quantidade que precisaria coletar para conseguir um valor significativo, forma um volume muito grande e não compensa o esforço; por isso, alguns se concentram na coleta apenas dos materiais mais lucrativos.

A esse respeito, registra-se a fala do presidente da Associação: “...hoje ninguém quer papelão nem de graça. Então hoje, o cara ligou pra mim perguntando se eu queria vinte toneladas de papelão, sabe a quanto? A quatro centavos. A quatro... E aqui nós somos obrigados a coletar, porque nós temos a questão ambiental”. (Informação verbal)<sup>22</sup>

Entre as pessoas ouvidas para esta pesquisa, o presidente da Associação é o único que faz referência espontaneamente à questão ambiental. Como dito anteriormente, a Associação Engenho do Lixo realiza, efetivamente, algumas atividades reconhecidas como de educação ambiental e, não meramente, comerciais, porém, não identificamos, durante a pesquisa de campo, uma adesão autônoma dos catadores a tais práticas. Em alguns depoimentos, o discurso sobre o meio ambiente e preservação ambiental até existe, mas é difuso e sem aprofundamento.

Referindo-se, especificamente, à limpeza das margens do rio Salgado, registram-se esses dois depoimentos: “Quando chama, a gente vai, né, limpar o rio. A gente tira muita coisa de lá. Até caixão de defunto eu já vi. Aí eu acho que a gente faz um trabalho que era pra ser da Prefeitura né, de limpar..., porque nem tudo que a gente tira dá pra vender”. (Informação verbal)<sup>23</sup>. O outro entrevistado afirma: “Não, nunca fui não. Como é? (...) Ah, já ouvi falar, mas nunca fui não (...) Porque não tenho tempo”. (Informação verbal)<sup>24</sup>

Quanto à contribuição do trabalho do catador para a preservação do meio ambiente, registramos os seguintes depoimentos:

É importante, porque é do planeta né..., da terra, evita a poluição, mas, a gente sabe que é importante, mas vou ser

sincero, a gente precisa é de... ganhar. Ele [referindo-se ao presidente da Associação] diz que é pra gente ganhar mais depois aí, com as coisas que vêm do governo... mas, para mim num dá pra ficar esperando não. Olha se eu vou ficar recolhendo o que num serve pra vender? Se pagar eu pego, quer dizer, se valer a pena eu pego (...) ele diz pra gente pegar, mas não é todo mundo que pega não, porque não vai ter serventia nenhuma pra gente, num vende, fica aí só entulhando. (Informação verbal)<sup>25</sup>

A gente escuta muito falar né, nas palestras, da importância da gente pro meio ambiente. Já vieram, já passaram filme mostrando o que tem por aí no mei do mundo sobre catador, sobre reciclagem. Mas se é tão bom, porque ninguém quer ser? Só sobra para quem é pobre lascado mesmo, que num tem outro mei de vida. (Informação verbal)<sup>26</sup>

Meio ambiente pra mim é a natureza né, e esse nosso trabalho ajuda né, que a gente tirar o lixo né, que se ficar por aí vai parar nos rios, fica entupindo os buero, então eu acho importante sim. Acho que o trabalho que a gente faz já ajuda sim nem que seja um pouquim. (Informação verbal)<sup>27</sup>

Interpretando os depoimentos no contexto em que foram produzidos, compreendemos que se depreende de suas falas as condições de heteronomia a que estão submetidos. A condição de extrema necessidade de sobrevivência condiciona suas “escolhas” limitando a liberdade. Para Freire (1987), toda forma de opressão, de relação verticalizada, hierarquizada, não dialógica, configura uma situação de heteronomia. Heterônimo é o sujeito, grupo ou povo que se encontra em situação de alienação e opressão, condição em que se perdeu a noção de si e do mundo. É quando, em vez de “ser para si”, torna-se “ser para outro” (FREIRE, 1987 p. 38).

Nesse sentido, vale refletir se a forma de organização dos catadores, seja em associações

ou cooperativas, bem como a assessoria de organizações governamentais ou não governamentais têm favorecido a construção da autonomia ou a reprodução de práticas heterônomas. Defendemos que a consciência ambiental não deriva espontaneamente do trabalho com a reciclagem, mas, outrossim, é resultado de um processo educativo voltado para a uma *práxis* libertadora que valoriza a ação política sem abrir mão do respeito à identidade dos sujeitos, envolvendo, ao mesmo tempo, ação e reflexão.

Nesse sentido, vale registrar o desabafo de um catador, em uma reunião na sede da Associação que teve como objetivo discutir a formalização da cooperativa.

Tanta gente que trabalha com reciclagem, é um trabalho bonito e tudo... A gente ver muitas instituições se dizendo que quer apoiar, mas o principal não estão cuidando que é a pessoa mesmo, em si. (...) Com relação a forma de trabalhar, trabalhar o psicológico das pessoas, se voltar para o bem... o bem deles mesmo, pessoal. Então, eu vejo isso como um problema grande em todo canto... porque tem o alcoolismo e outros problemas. O que as instituições só pensam é em formar cooperativa, se interessa bem nisso tudo, com o meio ambiente também. Mas, tão esquecendo o principal que é aqueles que fazem o trabalho para ter aquela produção. Então, eu não vejo muito empenho para resolver esse tipo de problema. Então, de que interessa esse discurso todo, que o trabalho nosso ajuda o meio ambiente e que tem que ter cooperativa... O quê que vai ajudar nós para esse problema que falei? (Informação verbal)<sup>28</sup>

Observa-se que, nesse depoimento, o catador chama a atenção para a necessidade de valorização do humano por trás do trabalho de reciclagem. Para além dos formalismos, demanda atenção para “a pessoa em si”. O que chama de

“trabalhar o psicológico das pessoas” remete a atenção à subjetividade. É o desabafo de quem não quer mais ser visto apenas como um número, um catador a mais, e recusa a condição de inclusão dependente que a sociedade lhe impõe. Representa, também, uma crítica às instituições que, ao fazer o “trabalho bonito”, tratam as pessoas como meros coadjuvantes do processo e não como sujeitos autônomos capazes de refletir sobre suas realidades e tomar suas próprias decisões.

## 5. Considerações finais

A atividade de coleta de material reciclável nas ruas de Juazeiro do Norte é uma atividade informal marcada por relações de heteronomia. Catadores nas ruas e nos lixões, trabalhando em condições de vulnerabilidade social, só existem porque a mesma sociedade que produz e consome, ainda não aprendeu a lidar com resíduos como parte desse processo, preferindo “ignorar” o seu destino e, conseqüentemente, as pessoas que, por necessidade, sobrevivem dele. Portanto, em vez de pensar esse modelo social como “excludente”, o percebemos como uma inclusão dependente e perversa.

“Lutando pela sobrevivência” como muitos mencionam em seus discursos, os catadores não agem como sujeitos autônomos, uma vez que só buscaram tal alternativa por fatores externos que os condicionam e nunca por uma vontade própria e autorrefletida. Mas, nem por isso estão “excluídos”, principalmente, quando recaem sobre eles os discursos oficiais sobre a importância do trabalho que realizam para o meio ambiente e a sociedade, bem como as iniciativas externas de organizá-los em associações ou cooperativas.

O funcionamento da Associação Engenho do Lixo revela características singulares que reforçam a heteronomia. A estrutura de poder interna não oferece espaço nas ações administrativas e gerenciais para que se

manifestem novas lideranças, e as ações de “consciência ambiental” que realizam não chegam a sensibilizar os catadores e, até agora, não produziram um impacto relevante no município.

A difusão de uma consciência ambiental entre os catadores através das ações da Associação não é efetiva. Entre eles, não há momentos de sociabilidade voltados para a reflexão quanto às questões ambientais, a não ser em momentos muitos esporádicos, e, geralmente, como uma iniciativa vinda de fora. Foi muito perceptível a dificuldade de mobilização, a rotatividade nas reuniões e a participação pouco ativa dos catadores nos encontros. Alguns, inclusive, pareciam se fazer presentes, apenas, pela insistência do presidente da Associação. Este é um dos únicos a articular o discurso da “educação ambiental” que, em nosso entendimento, parece muito mais uma forma de legitimar o trabalho da Associação a fim de conseguir doações, parcerias e financiamentos. Assim, as ações que desenvolvem têm mais um efeito simbólico do que resultados efetivos.

Para transformar essa realidade, é preciso muito mais do que se emocionar com as histórias de vida, organizar cooperativas e buscar estratégias alternativas de ganhar dinheiro com a reciclagem. Como nos orienta a perspectiva freiriana, são necessárias mudanças de pensamento, de cultura, de consciências, para que se possa construir um processo capaz de gerar mudanças significativas. Portanto, as políticas públicas para o setor só terão o caráter efetivo se arraigadas em princípios éticos que favoreçam ações concretas refletidas a partir das práticas cotidianas e tendo como foco a valorização do humano.

Por último, vale enfatizar que não foi nossa intenção saber se as práticas cotidianas dos catadores repercutem em um comportamento classificado como “ambientalmente correto”. Evidenciamos que a maneira como os catadores reproduzem, em suas falas, o discurso da consciência ambiental, deriva do contexto e circunstâncias em que estão inseridos. Admitimos

que a consciência ambiental não é independente de uma consciência de si mesmo e do mundo. Para Paulo Freire (1991), a conscientização não é um ato mecânico de compreensão racional da realidade e sim um processo dialético construído a partir de uma *práxis* libertadora, ou seja, como ação reflexiva e transformadora da sociedade e de si mesmo.

Esta abordagem nos insere em um contexto complexo de reflexões teóricas e práticas sobre a problemática do trabalho dos catadores e a consciência ambiental. No entanto, está longe de esgotar o tema, assim como aguçou o interesse de continuar perseguindo a temática em trabalhos futuros, seja aprofundando as reflexões aqui expostas ou explorando novos caminhos e ampliando a pesquisa para a região do Cariri, o estado do Ceará ou outros estados da Federação.

## Referências

- ASSOCIAÇÃO ENGENHO DO LIXO DE JUAZEIRO DO NORTE. Ata de Aprovação do estatuto, eleição e posse da Diretoria e do Conselho Fiscal. Juazeiro do Norte, 30 de Agosto de 2009.
- ASSOCIAÇÃO ENGENHO DO LIXO PROMOVE CAMPANHA DE RECICLAGEM E REFLORESTAMENTO EM JUAZEIRO. **Jornal do Cariri**. 17 de janeiro de 2012. Disponível em: <<http://www.cearaagora.com.br/noticias/interior/associacao-engenho-do-lixo-promove-campanha-de-reciclagem-e-reflorestamento-em-juazeiro>>. Acesso em: 07 mar. 2012.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.
- BRASIL. **Política Nacional dos Resíduos Sólidos**. Lei nº 12.305/2010. 2010. Planalto Federal. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12305.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12305.htm). Acesso em: 20 jan. 2013.
- CARVALHO, I. C. M. **Territorialidades em luta:** uma análise dos discursos ecológicos. São Paulo: Instituto Florestal. Série Registros, n. 9, 1991.
- \_\_\_\_\_. Biografia e identidade: aportes para uma análise narrativa. **Ambientalmente sustentável**, São Paulo, ano II, v. 1, n. 3, p. 19-31, jan./jun. 2007.
- CATADOR É EXEMPLO DE CONSCIÊNCIA AMBIENTAL. **Diário do Nordeste**, 09 de fevereiro de 2009. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=613521>. Acesso em: 08 mar. 2012.
- CATAR MATERIAL RECICLÁVEL NÃO É MAIS MOTIVO DE VERGONHA. **Jornal do Cariri**, 20 a 26 de março de 2012. p. 8.
- CEARÁ CONTA COM 300 LIXOES. **Diário do Nordeste**, 02 de maio de 2010. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1132941>. Acesso em: 10 maio 2012.
- DESLANDES, S. F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, M. C. S. et al. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 31-60.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortes, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 3-21.
- JUAZEIRO DO NORTE TEM 3º MAIOR PIB DO ESTADO. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 11 de Dezembro de 2012. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=900234>. Acesso em: 14 nov. 2012.
- LAYARGUES, P. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de

alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, F.; LAYARGUES, P.; CASTRO, R. (Org.) **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 179-220. Disponível em: [http://www.semebrusque.com.br/bibliovirtual/material/ea/ea\\_pdf0005.pdf](http://www.semebrusque.com.br/bibliovirtual/material/ea/ea_pdf0005.pdf). Acesso em: 10 jul. 2011.

MINAYO, C. S. O desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_ (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 9-29.

MUDAS SÃO TROCADAS POR MATERIAIS REICLÁVEIS. **O Cariri Ligado nas Notícias**. 27 de dezembro de 2001. Disponível: <http://ocarriligidonasnoticias.blogspot.com/2011/12/juazeiro-do-norte-ce-mudas-sao-trocadas.html>. Acesso em: 08 mar. 2012.

NOVAES, Washington. Eco-92: avanços e interrogações. **Estudos Avançados** [online], v. 6, n. 15, p. 79-93, 1992.

PESQUISA APONTA QUE APENAS 9% DOS MUNICÍPIOS FIZERAM PLANO DE GESTÃO DE RESÍDUOS. **Em.com.br Especial Rio+20**. Disponível em: [http://www.em.com.br/app/noticia/especiais/rio-mais-20/noticias/2012/08/03/noticias\\_internas\\_rio\\_mais\\_20,309859/pesquisa-aponta-que-apenas-9-dos-municipios-fizeram-plano-de-gestao-de-residuos.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/especiais/rio-mais-20/noticias/2012/08/03/noticias_internas_rio_mais_20,309859/pesquisa-aponta-que-apenas-9-dos-municipios-fizeram-plano-de-gestao-de-residuos.shtml). Acesso em: 11 mar. 2013.

SAWAIA, B. (Org.) **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes: 2001.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, B. (Org.) **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes: 2001. p. 16-26.

## Notas

1 Cf. CEARÁ CONTA..., 2010.

2 “O PIB de Juazeiro do Norte subiu 157%, entre 2004 e 2008. Saltou de R\$ 770 milhões para R\$ 1,986 bilhão. Foi o segundo maior crescimento entre os municípios do Estado no período, o que lhe propiciou duas colocações acima no *ranking* cearense, ultrapassando Caucaia (R\$ 1,952 bilhão) e Sobral (R\$ 1,702 bilhão). Em 2º lugar, atrás apenas de Fortaleza, continuou Maracanaú, com R\$ 3,121 bilhões de bens produzidos” (JUAZEIRO DO NORTE TEM..., 2012).

3 A maior parte dos resíduos sólido é depositada em um lixão a céu aberto na cidade vizinha, Caririçu. O lixo hospitalar é incinerado em uma empresa particular (FLAMAX). Atualmente, está em discussão a construção de um Aterro Sanitário Consorciado que receberá o lixo de nove cidades caririenses: Crato, Barbalha, Milagres, Farias Brito, Santana do Cariri, Missão Velha, Caririçu e Jardim. Depois de intensos debates entre as lideranças locais em torno de questões técnicas, estratégicas e políticas, ficou acordado que o aterro sanitário será construído na cidade de Caririçu.

4 São frequentes as matérias publicadas em jornal local e estadual que mencionam a Associação Engenho do Lixo, bem como as entrevistas em rádio e TV concedidas pelo seu presidente. Embora não seja a única Associação de Catadores da região, é a que consegue mobilizar o maior volume de material reciclável, cerca de 40 a 50 toneladas por mês. (Cf. CATAR MATERIAL REICLÁVEL..., 2012).

5 De forma geral, as ações realizadas por Incubadoras Sociais, sobretudo as vinculadas às Universidades, estão fortemente ligadas aos princípios da Economia Solidária, tendo em vista a construção e o fortalecimento da cidadania. Na prática, o trabalho consiste em oferecer formação técnica e acompanhamento sistemático para grupos, associações ou comunidades que tenham como característica principal a condição de vulnerabilidade social. O objetivo foi apresentar um planejamento viável de inclusão social através da geração de emprego e renda alternativa aos mecanismos excludentes do mercado, respeitando e promovendo a autonomia do grupo, a fim de que, posteriormente, a incubação passe para uma nova fase ou não seja mais necessária, se o grupo tiver conseguido manter o empreendimento de forma autônoma com efetividade.

6 A ECO-92 foi uma Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento realizada entre 3 e 14 de junho de 1992, na cidade do Rio de Janeiro. O seu objetivo foi refletir sobre os graves problemas ambientais no mundo e buscar alternativas para conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra. Estiveram presentes representações governamentais de vários países além das ONG's envolvidas com o tema. O evento repercutiu no mundo todo, chamou atenção para o problema do aquecimento global e ajudou a difundir o conceito de desenvolvimento sustentável. (Cf. NOVAES, 1992).

7 Segundo pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Municípios (CNM), entre maio e julho de 2012, apenas 9% dos municípios brasileiros concluíram os seus planos de gestão de resíduos dentro do prazo legal; em 42% dos municípios estão em andamento; e nos restantes, 49% ainda não foram iniciados. (Cf. PESQUISA APONTA QUE APENAS..., 2013).

8 Sobre o conceito de "inclusão perversa", cf. Sawai, 2001.

9 A prefeitura de Juazeiro do Norte doou um terreno de 4.000 m<sup>2</sup> à Associação Engenho do Lixo para a construção de um galpão, a fim de abrigar a cooperativa de catadores da Região do Cariri que faria também o trabalho de coleta e reciclagem do óleo residual. O terreno ainda não foi tomado posse, segundo o presidente da Associação, por falta de recursos financeiros e questões burocráticas.

10 Exemplo disso são as chamadas das matérias publicas na imprensa local. Ver Associação Engenho do Lixo..., 2012; Catador é Exemplo..., 2009; Mudanças são Trocadas..., 2001.

11 Vale ressaltar que a guarda desses materiais exige licença especial dos órgãos ambientais por conter componentes de alta periculosidade à saúde e ao meio ambiente. A Associação Engenho do Lixo não tem esse licenciamento e nem condições de promover a destinação correta.

12 Entrevista concedida por um catador (60 anos) no dia 18 de julho de 2012 na Sede da Associação.

13 Entrevista concedida por uma catadora (54 anos) no dia 18 de julho de 2012 na Sede da Associação.

14 Relato do Presidente da Associação Engenho do Lixo em reunião no dia 12 de março de 2012 na sede

da Associação.

15 Entrevista concedida por uma catadora (54 anos) no dia 18 de julho de 2012.

16 Entrevista concedida por uma catadora (39 anos) no dia 11 de junho de 2012.

17 Entrevista concedida por um catador (23 anos) no dia 13 de junho de 2012.

18 Entrevista concedida por um catador (60 anos) no dia 13 de junho de 2012.

19 Entrevista concedida por um catador (54 anos) no dia 18 de julho de 2012.

20 Entrevista concedida por uma catadora (60 anos) no dia 6 de agosto de 2012.

21 Entrevista concedida por um catador (49 anos) no dia 19 de julho de 2012.

22 Relato do Presidente da Associação Engenho do Lixo em reunião no dia 18 de setembro de 2012, na sede da Associação.

23 Entrevista concedida por um catador (45 anos) no dia 11 de junho de 2012.

24 Entrevista concedida por um catador (49 anos) no dia 19 de junho de 2012.

25 Entrevista concedida por um catador (49 anos) no dia 19 de julho de 2012.

26 Entrevista concedida por uma catadora (39 anos) no dia 11 de julho de 2012.

27 Entrevista concedida por um catador (23 anos) no dia 13 de junho de 2012.

28 Relato de um catador em reunião no dia 18 de setembro de 2012, na sede da Associação.